

CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS ATUANTES NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE ACERCA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Júlia Cardoso Pereira¹; Letícia Pinho Gomes²; Mauro Afonso³; Gustavo Soares de Souza⁴; Suellen Rodrigues de Oliveira Maier⁵; Marcos Vitor Naves Carrijo⁶

RESUMO

Objetivou-se identificar o conhecimento entre os profissionais atuantes na Atenção Primária à Saúde acerca do diagnóstico e tratamento do Transtorno do Espectro Autista. Trata-se de um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa, realizado na rede de atenção primária à saúde no interior de Mato Grosso. Participaram da pesquisa, 48 profissionais de enfermagem. A amostra majoritariamente relatou não ter participado de nenhuma capacitação ou curso sobre o tema, já ter atendido pacientes com o transtorno. Houve uma média de 88,8% de acertos entre os participantes, sendo uma maior quantidade relacionado com a não associação do autismo e epilepsia, associação do autismo com esquizofrenia infantil. Conclui-se que apesar de um nível geral de acertos elevado, existem lacunas significativas em relação ao entendimento dos principais sinais e sintomas associados ao transtorno.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro Autista; Criança; Atenção Primária de Saúde.

ABSTRACT

The aim of this study was to identify the knowledge among professionals working in Primary Health Care regarding the diagnosis and treatment of Autism Spectrum Disorder. This is a cross-sectional, descriptive study with a quantitative approach, carried out in the primary health care network in the interior of Mato Grosso. Forty-eight nursing professionals participated in the research. The majority of the sample reported not having participated in any training or course on the subject and having already treated patients with the disorder. There was an average of 88.8% of correct answers among the participants, with a higher number related to the non-association of autism and epilepsy, and the association of autism with childhood schizophrenia. It is concluded that despite a high overall level of correct answers, there are significant gaps in the understanding of the main signs and symptoms associated with the disorder.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Child; Primary Health Care.

¹ Enfermeira pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR. E-mail: juliacp2016@hotmail.com

² Mestre em Imunologia e Parasitologia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR. E-mail: leticiapgmt@hotmail.com

³ Mestre em Imunologia e Parasitologia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR. E-mail: labsaude@univar.edu.br

⁴ Especialista em Saúde do Adulto e Idoso pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e Idoso; Psicólogo na Secretaria Municipal de Assistência Social de Sinop – MT. E-mail: pzgustavosoares@gmail.com

⁵ Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo – USP. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Rondonópolis – UFR. E-mail: suellen.maier@ufr.edu.br

⁶ Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Docente de Enfermagem da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: marcosvenf@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo Araújo et al. (2020), o termo "autismo" tem origem na língua grega, onde "autos" significa "de si mesmo". Historicamente, o autismo foi inicialmente compreendido como "esquizofrenia infantil". O Transtorno do Espectro Autista (TEA) manifesta-se nos primeiros anos de vida e impacta o desenvolvimento cerebral, influenciando as habilidades de comunicação e interação social. Atualmente, o TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por padrões comportamentais estereotipados e interesses restritos (Lavor et al., 2021).

O diagnóstico do TEA pode ser realizado antes dos três anos de idade e baseia-se na análise clínica comportamental, seguindo os critérios estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) ou pela Classificação Internacional de Doenças (CID) (Evangelho et al., 2021). Os sinais comportamentais podem surgir ainda nos primeiros meses de vida, sendo essencial uma avaliação abrangente dos comportamentos apresentados. Além das dificuldades na interação social e na comunicação, crianças com TEA podem exibir comportamentos repetitivos, deficiência na comunicação verbal e não verbal, e dificuldades na interação social (Souza; Gonçalves; Cunha, 2019).

Para um tratamento eficaz, é essencial que o diagnóstico do TEA seja realizado

precocemente, com base nos sinais e sintomas apresentados. De acordo com Never et al. (2020), o cuidado de crianças com TEA representa um desafio significativo para os profissionais de saúde, especialmente para enfermeiros, que desempenham um papel crucial tanto na assistência direta quanto na orientação das famílias. O atendimento de enfermagem deve reconhecer a singularidade de cada criança autista, considerando suas especificidades individuais. Ademais, o enfermeiro tem a responsabilidade de fornecer informações à família e estar atento às observações dos cuidadores sobre o desenvolvimento da criança, promovendo um vínculo de confiança e interação que favoreça a adesão ao tratamento e a segurança do paciente e de seus familiares (Rodrigues; Queiroz; Camelo, 2021; Côelho et al., 2023).

A assistência de enfermagem na consulta de puericultura é voltada para a identificação precoce de riscos ou alterações no desenvolvimento infantil. Conforme descrito nas Diretrizes para Cuidados de Reabilitação de Indivíduos com TEA, alguns dos sinais de alerta incluem: padrões motores estereotipados, hipersensibilidade auditiva, tendência a comportamentos ritualísticos e rigidez em rotinas, dificuldade na diversificação alimentar, regressão na aquisição da linguagem, reduzida expressividade emocional, dificuldades em buscar conforto físico junto aos cuidadores e

comprometimento na expressão de preferências e desejos (Laguardia; Canal, 2023).

Diante dessas informações, o presente estudo tem como objetivo investigar o conhecimento dos profissionais que atuam na Atenção Primária à Saúde sobre o diagnóstico e tratamento do TEA.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal e descritivo, entre os meses de julho e agosto de 2024. O desenho de estudo foi orientado pelas diretrizes STROBE (*Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology*).

Este estudo foi realizado na rede de atenção primária da cidade de Barra do Garças, localizada no interior do estado de Mato Grosso. No município da pesquisa, existem 22 Unidades Básicas de Saúde (UBS), sendo 18 unidades que atendem a Zona Urbana e 04 unidades que atendem a Zona Rural.

Uma amostra não probabilística e por conveniência foi composta por profissionais de enfermagem atuantes nas Estratégias de Saúde da Família. Como critérios de inclusão no estudo, foram selecionados os profissionais de enfermagem, sendo os enfermeiros e técnicos de enfermagem que atuam na Estratégia Saúde da Família de Barra do Garças, sendo homens e mulheres acima de 18 anos de idade. Para os critérios de exclusão foram aqueles que estivessem afastados de suas funções por férias,

licença ou afins e as demais classes profissionais que não estivessem englobadas na equipe de enfermagem.

Para a coleta de dados, foram utilizados dois questionários, sendo o primeiro um questionário socioeconômico, construído pelos pesquisadores do estudo, dividido em sessões com as características socioeconômicas, de formação e profissionais e o segundo o *Knowledge about Childhood Autism among Health Workers* (KCAHW), elaborado em 2008 (Bakare *et al.* 2008) é um questionário autoaplicável contendo um total de 19 itens, com questões de múltipla escolha, cada questão tem três opções de resposta, sendo apenas uma considerada correta. Cada questão correta soma-se um ponto. Dividido em quatro domínios, o primeiro aborda sobre os déficits na interação social, o segundo sobre os déficits de comunicação e desenvolvimento social, o domínio três sobre o comportamento de padrão restrito, repetitivo e estereotipo; e por último o domínio quatro sobre os tipos desses transtornos, as possíveis comorbidades e a idade que se inicia.

Após a coleta de dados, os mesmos foram inseridos em planilha do Microsoft Office Excel, posteriormente inseridos no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 20.0, utilizando a dupla digitação para possibilitar a verificação de potenciais inconsistências durante a confecção do banco de dados. Para a análise de dados

foram realizadas análises descritivas de frequência simples para variáveis categóricas, de tendência central (média, mínima e máxima) e dispersão (desvio-padrão) para as variáveis contínuas.

Este estudo respeitou os preceitos éticos da Resolução nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo o anonimato de cada participante.

3. RESULTADOS

Participaram da pesquisa, 48 profissionais de enfermagem. A amostra foi predominantemente constituída por profissionais do gênero feminino (87,5%), com idade entre 25 a 63 anos, de cor de pele branca (52,8%), heterossexuais (93,8%), de cor de pele não branca (64,6%), com parceiro (66,7%), que professam religião (87,5%), com mais de 4 anos de atuação (60,4%).

Quanto as variáveis relativas à formação e experiências de atendimento sobre o transtorno do espectro autista, 75% (36) relatam não ter participado de nenhuma capacitação ou curso sobre o tema, 95,8% (46) referiram já ter atendido pacientes com o transtorno e 66,7% (32) afirmam que já atenderam crianças com o TEA, porém sem diagnóstico adequado.

Conforme pode ser observado, houve uma média de 88,8% de acertos entre os participantes, sendo uma maior quantidade relacionado com a não associação do autismo e epilepsia (97,9%), associação do autismo com

esquizofrenia infantil (95,8%), já quanto aos erros percebe-se uma maior presença destes nas questões relacionadas quanto a surdez no autismo (39,6%) e a ausência de sorriso social na criança com autismo (39,6%). Quanto as outras variáveis relacionadas aos acertos e erros dos participantes, estes estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização das respostas dos profissionais de enfermagem acerca do conhecimento sobre o transtorno do espectro autista, Barra do Garças - MT, Brasil, 2024. (n= 48)

Questão	Acertos N (%)	Erros N (%)
Déficit de comportamento não verbais, como contato olho a olho, expressão facial, gestos e posturas corporais durante a interação social são características do autismo.	45 (93,8%)	3 (6,3%)
Falha em desenvolver relacionamento com os pares, de acordo com a idade de desenvolvimento são características do autismo.	41 (85,4%)	7 (14,6%)
Falta de vontade em, espontaneamente, partilhar divertimento, interesse ou atividades com outras pessoas são características do autismo.	35 (72,9%)	13 (27,1%)
Falta de reciprocidade emocional ou social são características do autismo.	32 (66,7%)	16 (33,3%)
Olhar fixo no espaço aberto e sem focar em nada específico são características do autismo.	40 (83,3%)	8 (16,7%)
A criança pode parecer surda é característica do autismo.	29 (60,4%)	19 (39,6%)

Perda de interesse no ambiente e nos arredores são características do autismo.	35 (72,9%)	13 (27,1%)
Sorriso social está usualmente ausente na criança com autismo.	29 (60,4%)	19 (39,6%)
Atraso ou ausência total de desenvolvimento de linguagem falada é característica do autismo são características do autismo.	45 (93,8%)	3 (6,2%)
Movimento estereotipado e repetitivo (“flapping”, abanar ou torcer a mão ou dedos) é uma característica do autismo.	41 (85,4%)	7 (14,6%)
É associado a hábitos alimentares atípicos.	31 (64,6%)	17 (35,4%)
Preocupação excessiva com partes de objetos é uma característica do autismo.	32 (66,7%)	16 (33,3%)
Apego a atividades estritamente controladas com rotina é uma característica do autismo.	33 (68,8%)	15 (31,3%)
Autismo é esquizofrenia infantil?	46 (95,8%)	2 (4,2%)
Autismo é uma condição autoimune?	43 (89,6%)	5 (10,4%)
Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento?	41 (85,4%)	7 (14,6%)
Autismo pode estar associada a retardo mental?	37 (77,1%)	11 (22,9%)
Autismo pode estar associada com epilepsia?	47 (97,9%)	1 (2,1%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

4. DISCUSSÃO

Esta pesquisa avaliou o conhecimento dos profissionais de atenção primária sobre o

TEA. Os dados coletados indicam que, embora a maioria dos profissionais reconheça alguns traços desse distúrbio, existe uma inconsistência considerável em seu conhecimento dos principais sinais e sintomas associados ao TEA.

O enfermeiro é frequentemente um dos primeiros profissionais a ter contato com a criança com TEA durante as consultas de desenvolvimento. Por isso, é essencial que o profissional esteja preparado para identificar sinais do autismo, compreender suas possíveis causas e estar atualizado sobre as abordagens terapêuticas e intervenções adequadas (Ferreira; Theis, 2021).

São encontradas diversas dificuldades vivenciadas pelos profissionais de saúde em relação ao diagnóstico do transtorno do espectro autista, este fato pode ser justificado pelo que Ribas; Alves (2020), descrevem em seu estudo, sendo o principal motivo decorrente da falta de experiência com crianças autistas, o que compromete a capacidade de realizar o diagnóstico com precisão, tornando o processo mais complexo e desafiador. Na presente pesquisa pode-se notar que quase todos os profissionais entrevistados tiveram contato com crianças com autismo, o que pode explicar os altos níveis de conhecimento dos participantes.

Quanto ao conhecimento da equipe de enfermagem expressado por meio do quantitativo de acertos, percebe-se uma concordância com o apresentado no estudo de Pinho; Pinto (2022), onde as autoras evidenciam

que a maioria dos participantes do estudo possuíam bom nível do conhecimento sobre o TEA, sendo identificado maior nível entre aqueles com menor tempo de atuação profissional, onde as mesmas justificam esse fato pela possibilidade de talvez esses profissionais terem durante a sua graduação cursos ou aulas voltadas ao tema do autismo.

De acordo com os resultados da presente investigação, 60,4% relataram quatro ou mais anos de experiência na assistência, o que pode contribuir diretamente para o conhecimento quanto as pautas relacionadas as crianças com autismo. Essa informação corrobora com o apresentado no estudo de Rezende; Petroucic; Costa; Monteiro (2020), sendo que os autores identificaram uma correlação significativa entre a experiência clínica e o desempenho no conhecimento sobre o Transtorno do Espectro Autista. Essa associação sugere que uma maior experiência pode estar relacionada a um melhor entendimento sobre o tema. Além disso, a análise revelou que a percepção de médicos sobre o autismo pode ser influenciada por fatores como formação continuada e experiência pessoal.

De acordo de um estudo realizado por Corrêa; Gallina; Schultz (2021), os enfermeiros descrevem o autismo como um transtorno neurológico em que a criança apresenta comportamentos um pouco diferentes das outras, ela pode exibir sinais que variam em intensidade, sendo mais ou menos evidentes,

dependendo do nível ou grau do transtorno. A lacuna no conhecimento dos profissionais de enfermagem em relação ao tema pode resultar em um atendimento insatisfatório. Perante pesquisas anteriores, pode-se perceber na fala de alguns profissionais o desconhecimento sobre quais atitudes tomar frente ao comportamento da criança com autismo ou quais orientações realizar para a família mediante esta situação (Jerônimo; Mazzaia; Viana; Chistofolini, 2023).

Destaca-se que a atuação destes profissionais no acolhimento nos diversos serviços, incluindo a APS, contribui significativamente para intervenções e tratamentos específicos como também para a orientação de familiares e cuidadores, buscando diminuir os impactos e consequências advindas do TEA (Jerônimo; Mazzaia; Viana; Chistofolini, 2023).

O enfermeiro, como profissional, desempenha um papel fundamental no cuidado de crianças com suspeita de autismo e de suas famílias. Ele deve estar atento aos sinais e sintomas que a criança possa apresentar durante o exame físico, identificando possíveis alterações funcionais. Ao detectar algo, o enfermeiro deve alertar os pais e prestar assistência de enfermagem o mais rapidamente possível, fornecendo apoio, esclarecendo dúvidas e orientando a família sobre como proceder a partir de então (Silva et al. 2021).

Para que o enfermeiro possa oferecer uma assistência qualificada, é essencial a

implementação do Sistema de Assistência de Enfermagem (SAE), fundamentada em uma teoria de enfermagem. Isso permite identificar problemas reais e potenciais no cuidado ao cliente autista. Durante as consultas e no atendimento, o profissional deve estar atento a pequenos gestos e sintomas que podem sinalizar risco para o autismo, visando desenvolver um plano assistencial centrado nas necessidades do paciente e envolvendo-o ativamente no planejamento do cuidado (Fontinele et al, 2021).

Perante os resultados, percebe-se que 75% dos participantes afirmaram nunca terem participado de capacitações sobre o TEA. A presente pesquisa sublinha a necessidade de estratégias de formação para aprimorar o conhecimento entre os profissionais de saúde. A participação de pelo menos um profissional de atenção primária, como médicos ou enfermeiros, em uma abordagem centrada na família é fundamental no rastreamento do TEA e de outras alterações do neurodesenvolvimento. A puericultura destaca-se como um componente crucial da linha de cuidados à saúde da criança, consistindo em um conjunto contínuo e global de ações. Essa prática é uma importante ferramenta para a implementação da integralidade do cuidado, abordando os eixos família, comunidade e cultura, e visa promover o desenvolvimento físico, emocional, intelectual, moral e social da criança. Ademais, a puericultura tem potencial para capacitar as famílias em cuidados que impactam a autonomia

do indivíduo, seu potencial produtivo e qualidade de vida ao longo da vida (Dunlap; Filipek, 2020; Simão et al. 2023).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa avaliou o conhecimento dos profissionais de enfermagem da atenção primária sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), revelando que, apesar de um nível geral de acertos elevado, existem lacunas significativas em relação ao entendimento dos principais sinais e sintomas associados ao transtorno.

A maioria dos profissionais não havia participado de capacitações específicas sobre o TEA, o que pode comprometer a qualidade da assistência prestada. Os resultados indicam a importância de uma formação contínua e direcionada para esses profissionais, que frequentemente são os primeiros a identificar sinais de autismo nas crianças. Além disso, a pesquisa ressalta a necessidade de uma abordagem centrada na família, onde a puericultura desempenha um papel essencial na promoção do desenvolvimento integral da criança e na capacitação das famílias.

Assim, recomenda-se a implementação de estratégias educativas e de treinamento para fortalecer o conhecimento dos profissionais de saúde, visando a melhoria da detecção precoce e do manejo do TEA, contribuindo para uma assistência mais qualificada e integrada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Christine Alves de *et al.* **Estratégias e Práticas para Trabalhos Acadêmicos e Científicos**, Barra do Garças, v. 1, p. 26-28, 2024.

COELHO, Ana Flávia Freitas de Miranda et al. A importância da assistência de enfermagem no acompanhamento de puericultura: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.9, n.5, p. 14493-14507, maio, 2023.

CORRÊA Isabela Soter; GALLINA Fernanda; SCHULTZ Lidiane Ferreira. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista de APS**, v. 24, n. 2, p. 282-295, abr-jun 2021.

DUNLAP, Jayne Jennings; FILIPEK, Pauline. Autism Spectrum Disorder: The Nurse's Role. **American Journal of Nursing**. v.120, n.11, p 40-49, 2020.

FERREIRA, Tatyane Lima Rocha; THEIS Laís Carolini. Atuação do enfermeiro na assistência a crianças com transtorno do espectro autismo. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 15, n. 22, p. 85-98, 2021.

FONTINELE, Andreza da Silva et al. Olhar do enfermeiro na assistência de enfermagem do paciente autista e sua família. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. 1-8, 2021.

JERÔNIMO, Tatiane Garcia Zuchi; MAZZAIA, Maria Cristina; VIANA, Joseval Martins; CHISTOFOLINI, Denise Maria. Nurses' care to children and adolescents with autism spectrum disorder. **Acta Paul Enferm.** 2023;36:eAPE030832.

LAVOR, Matheus De Luna Seixas Soares et al. O autismo: aspectos genéticos e seus biomarcadores: uma revisão integrativa.

Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v.4, n.1. p. 3274-3289, jan./feb. 2021.

PINHO, Márcia Andrade; PINTO, Charleston Ribeiro. Conhecimento dos profissionais de saúde sobre atenção integral à pessoa autista no sus: uma análise na rede de atenção à saúde do estado da Bahia. In: ANAIS DO 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA, 2022, Salvador. **Anais eletrônicos**. Campinas, Galoá, 2022.

REZENDE, Laura de Oliveira; PETROUCIC, Roberta Thomé; COSTA, Ricardo Filipe Alves; MONTEIRO, Marco Aurélio. Conhecimento sobre Transtorno do Espectro Autista entre profissionais da atenção básica de saúde. **Manuscripta Medica**. v.3, n.1, p.31-39, 2020.

RIBAS, Lara de Brito; ALVES, Manoela. O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano. **Revista Pós-Univer SUS**, v. 11, n. 1, p. 74-79, 2020.

RODRIGUES, Maria do Rosário Campelo; QUEIROZ, Rebeca Sales Amorim; CAMELO, Marina Shinzato. Assistência de Enfermagem a Paciente com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira Interdisciplina de Saúde-ReBIS**. v.3, n.4, 2021.

SILVA Samira Hellen Greco Mendes et al. A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. **Scire Salutis**, v. 11, n. 1, p. 36-45, 2021.

SIMÃO, Delma Aurelia da Silva; et al. Evidence on care for children with autism spectrum disorder in primary health care: integrative review. **Revista Contemporânea**, v.3, n.9, p. 14688-14711, 2023.



REI
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar
Barra do Garças – MT, Brasil
Ano: 2026 Volume: 18 Número: 1

SOUZA, Amândio Rabelo; GONÇALVES, Dalila Mateus; CUNHA, Daniele R. da Silva. Transtorno do Espectro Autista: Uma introdução. **Seminário Científico Cultural da AJES**. p.1-4, 2019.